



TERREIROS DE CANDOMBLÉ, METODOLOGIAS E APRENDIZAGENS: nas entrelinhas dos versos cantados

Davi da Silva Nascimento¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar as vivências possibilitadas a partir da disciplina "Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais", a qual foi ambientada no Ilê Axé Ojuomi, sede do Afoxé Omô Nilê Ogunjá, localizada no bairro do Ibura, Recife-PE. Em dois fins de semana fomos capazes de enxergar a inovação na sala de aula numa perspectiva decolonial, despertando nosso olhar para a implementação de propostas de atividades envolvendo educação e as relações étnico-raciais (ERER). Essa perspectiva nos faz perceber que estamos inseridos em um sistema que, ainda, perpetua estruturas e relacionamentos coloniais que privilegia uns e marginaliza outros, provoca a emergência de lutar por um mundo livre dessas estruturas opressoras, atravessadas pela branquitude. Notamos, portanto, a urgência de avançarmos enquanto sociedade, e assumirmos nossa responsabilidade, enquanto formador de cidadãos, e, independente de nossa cor ou etnia, usufruir de nossa posição para subverter paradigmas impostos na sociedade, seja através de estudos, pesquisas ou práticas de enfrentamentos. Assim, viabilizará o estabelecimento de negros enquanto potências, seja nas Ciências ou em qualquer outra área que estes desejem ocupar.

Palavras-chave: Metodologias Ativas; Pedagogia Decolonial; Relações Étnico-raciais.

1 INTRODUÇÃO

Corra venha ver: atravessando as fissuras da academia sob uma perspectiva decolonial

Ilê
Omô nilê tá na avenida
Corra venha ver
A força de Ogum prevalecer
(Omô Nilê na Avenida- André Alves)

Desde que ouvi essa música pela primeira vez, tive a sensação de estar ouvindo um chamado, um chamado para a alegria que atravessa as ruas com o Afoxé, mas, ao mesmo tempo, um chamado para perceber a triste realidade vivenciada pelo povo negro,



que resiste e luta pela sobrevivência de simplesmente desfilar suas felicidades pelas avenidas de maneira íntegra.

Foi pela naturalidade em se emocionar, a partir da música, que tive a ideia de propor esse texto, tendo como ponto de partida de cada sessão as músicas, ideia esta que nasceu na despedida de toda a experiência no Ilê **Axé Ojuomi**, sede do Afoxé **Omô Nilê Ogunjá**. Naquele momento, o canto de Nalva arrepiou não só a mim, mas a todos de uma maneira sem igual, nos tocando e recapitulando tudo que a disciplina nos proporcionou, as vivências, aprendizagens e trocas essencialmente humanas.

Então refleti: se durante a experiência, utilizamos a música, enquanto um recurso e metodologia ativa para a sala de aula, por que não conduzir um texto, um relato ou um artigo, a partir de canções?

Foi sobre esse tipo de inovação que a disciplina “Metodologias, Aprendizagem e a Educação das Relações Étnico-raciais”, ofertada pelos professores Ivanildo Carvalho e Marcos Barros, se propôs e atraiu a atenção de tantos estudantes do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), na Universidade Federal de Pernambuco, *campus* do Agreste, de outros cursos de Pós-graduação, contando, também, com alunos especiais e convidados, inclusive do próprio Afoxé.

A disciplina teve como objetivo despertar nosso olhar para a implementação de propostas de atividades envolvendo educação e as relações étnico-raciais (ERER), sobretudo, numa perspectiva decolonial e através da imersão, durante dois fins de semana, em um lugar marginalizado pelo olhar da sociedade, no bairro do Ibura (Recife-PE), e no Ilê **Axé Ojuomi**.

Essa perspectiva nos faz perceber que estamos inseridos em um sistema que, ainda, perpetua estruturas e relacionamentos coloniais, impregnados na forma de vestir, se comportar, falar e hierarquizar grupos, tornando-se urgente confrontar esses paradigmas.

Nessa perspectiva, Maldonado-Torres (2007) deixa mais evidente que a colonialidade se refere a mais do que apenas vestígios do colonialismo em nossa



sociedade, mas uma lógica que estabelece padrões de poder, manifestado nas mais diversas esferas, como o trabalho, o conhecimento e as relações.

Por ser capaz de existir independentemente de haver colônias formais, a colonialidade diz respeito a uma lógica de desumanização global, existindo diferentes lutas em partes distintas, não só na América Latina (Wash, 2017), mas também por questões de gênero e, sobretudo, raciais.

A educadora brasileira Barbara Carine Pinheiro escreveu um livro que chama a atenção para a luta antirracista dentro da escola, partindo de inquietações por visualizar graus profundos de colonialidade nessa esfera, tais como:

colonialidade do saber, uma vez que o currículo era pensado e reproduzido a partir de uma perspectiva eurocêntrica, na qual pessoas brancas fundaram todas as formas de conhecimento [...]; pessoas negras tinham suas histórias barradas nos últimos quatro séculos de subserviência programada dentro da lógica escravista moderna; pessoas indígenas eram colocadas em um entendimento de selvageria, destituídas de território, de história, de narrativa.

Colonialidade do poder, visto que os espaços escolares reproduziam em sua microesfera o racismo estrutural presente na macroestrutura, ou seja, as pessoas que ocupavam os espaços de poder das escolas tinham o mesmo fenótipo daquelas que ocupavam os espaços de poder da sociedade como um todo. Pessoas brancas dirigiam as escolas [...] enquanto as pessoas negras estavam em espaços escolares que [...] eram desprestigiados principalmente do ponto de vista econômico [...] A partir dessa leitura, crianças de 3 anos já conseguiriam construir suas subjetividades compreendendo que, no mundo, pessoas brancas mandam enquanto pessoas negras obedecem.

Colonialidade do ser, uma vez que nas escolas privadas da cidade existiam pouquíssimas crianças negras, e as poucas que havia eram taxadas com o estigma de bolsistas [...] e não se viam representadas na estética da escola como um todo – nas fotos coladas nos murais, no outdoor da escola, nas literaturas infantis, nos livros didáticos (Pinheiro, 2023, p. 19-20).

Por esse motivo, é perceptível o que Traxler (2022, p.12) quer dizer com a necessidade da decolonização acontecer em todos os lugares, pois “o colonialismo ativo, legado e histórico está no ar que todos respiramos, onipresente, penetrante, bem como em inúmeras manifestações específicas e concretas”.

Essa triste realidade, vista não só pela autora, mas por todos nós que nos colocarmos em uma posição de sensibilidade para observar nosso entorno social, provoca a emergência de lutar por um mundo livre dessas estruturas opressoras,



atravessadas pela branquitude, categoria essa que provoca vantagens simbólicas, subjetivas e materiais voltadas para a população fenotipicamente branca (Pinheiro, 2023).

Sob essa perspectiva, a proposta da disciplina me encheu os olhos. Desatei as amarras do preconceito e atravessei as fissuras que a universidade possibilitou, perturbando o tradicional que a academia, usualmente, reproduz, e explorando um espaço de representação, potência e riqueza histórica e cultural. Destinei-me a ampliar minha visão, enxergar as urgências, as dívidas e a minha capacidade de poder viabilizar uma sociedade mais justa e igualitária.

2 DESENVOLVIMENTOS: TOMADA DE CONSCIÊNCIA ATRAVÉS DA INOVAÇÃO

*O povo reescreveu a sua história
Com muita luta e muita dor
Hoje o povo é forte e sabe o seu valor
Sem esquecer que a batalha não acabou
(Reescrevendo a História - André Alves)*

Eu trouxe essa canção acima para abrir esse tópico, pois ela evoca essa tomada de consciência sobre o valor da população negra e a constante batalha de reescrever a história que tantos tentam apagar. Foi a imersão que nos fez percebê-la com mais nitidez.

Um exemplo prático é que as palavras “Ilê” ou “Afoxé”, para mim, eram desconhecidas, reforçando que muito se valoriza culturas eurocentristas, silenciando a ancestralidade africana, desde a língua, até comportamentos, religiões e história.

Como mencionei, estivemos imersos no Ilê **Axé Ojuomi**, Ilê significa Casa ou Terreiro de Candomblé, sede do Afoxé Omô Nilê Ogunjá. Um Afoxé diz respeito a um grupo cultural de brincantes que desfilam nos carnavais enaltecendo a ancestralidade africana, através dos ritmos, músicas e instrumentos. Quanto a **Omô Nilê Ogunjá**, pode ser traduzido para Filhos da Casa de Ogunjá¹.

¹ “O Afoxé Omô Nilê Ogunjá é um grupo cultural e artístico fundado em 4 de outubro de 2004, na comunidade do Ibura, em Recife, onde está plantado o axé. O coletivo tem como missão fomentar ações que valorizem a cultura afro-brasileira com o intuito de promover políticas afirmativas, fortalecendo a identidade étnico-racial por meio da arte do afoxé no âmbito nacional e internacional. Acreditamos que pelo nosso repertório artístico e cultural – a música, a dança e o canto – se constrói e fortalece a história de luta e resistência da

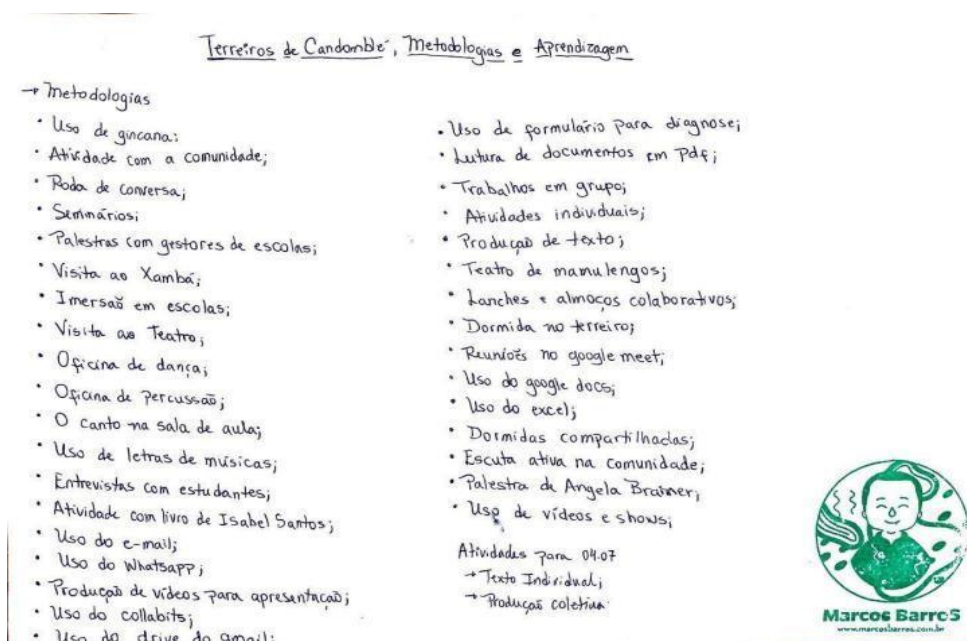


Tendo em vista que a decolonização envolve a identificação de relações coloniais e desafiar esses sistemas e estruturas (Traxler, 2022), não haveria lugar melhor para tal. E através da metodologia do imersivo, do afetivo, da escuta de debate e vivências, a inovação se fez.

A disciplina nos proporcionou certa união de conhecimentos ancestrais, tradicionais e experiências enriquecedoras, de maneira efetiva, que nos possibilitou crescer enquanto educadores. A apresentação de teóricos e metodologias do ensino criativo se mostraram presentes, desde as leituras prévias, às atividades próprias do Afoxé.

Entre elas, destaco as oficinas de canto, de dança e de percussão. Ao fim de tudo, listamos, como mostrado na figura 1, todas as vivências metodológicas dessa imersão, conseguindo visualizar e sentir de maneira significativa o quanto a experiência ampliou nos horizontes.

Figura 01- Metodologias vivenciadas durante as imersões



Fonte: Autor, 2023.

comunidade negra". Disponível em: <https://www.afoxeomonileogunja.com.br/nossa-historia/> acessado em 20/06/2022 às 16:00



Outro detalhe que fez a diferença foi o acolhimento, desde a recepção ao sentarmos no chão, sobre uma colcha de retalhos, que particularmente me tocou num lugar afetivo por eu ser de uma cidade² que se estruturou economicamente, com base na costura de pequenos retalhos que se transformavam em colchas e roupas populares, causando em mim certa familiaridade e com o propósito de instigar novos arranjos em sala de aula, possibilitando uma maior abertura para a aprendizagem.

Quanto ao terreiro, sentir-se abraçado pelos filhos da **Casa de Ogunjá** foi o maior artifício na quebra de preconceitos internalizados, isso foi algo muito relatado durante os debates na semana final. Esse acolhimento foi essencial para estarmos dispostos em lutar contra os paradigmas impostos em nossa sociedade.

As trocas de saberes de ambos os fins de semanas, viabilizados pelas experiências presentes na figura 1, oportunizaram que novos horizontes para a implantação da Lei 10.639/2003³ se tornassem mais nítidos. Além de tomar consciência da importância dessa lei que é silenciada na Educação Básica e na formação docente.

Isto é reforçado por Silvério (2021) ao abordar acerca do epistemicídio historicamente enfrentado pelas minorias, especialmente pela população negra e a emergente concepção de uma sociedade que nega sua capacidade de produzir conhecimento científico, bem como a sua relevância, resumindo-os o a “descendentes de escravos”.

Na verdade, são descendentes de pessoas escravizadas que foram muito além de escravizados, mas reis e rainhas, grandes matemáticos, cientistas, e, infelizmente, ainda sentem as amarras de uma sociedade que os enxerga como incapazes.

Apesar de haver uma lei desde 2003, durante todo meu percurso escolar ela não foi percebida, de maneira aprofundada, até que eu chegasse à pós-graduação, na qual

² Santa Cruz do Capibaribe-PE

³ "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático [...] incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003)



houve discussões decoloniais em três, das quatro disciplinas que cursei no primeiro semestre, sobretudo nesta, que é imersiva.

Pude perceber, ainda mais, o apagamento constante da representatividade negra nas mais diversas esferas, principalmente na educação. Durante as intervenções, em quatro escolas do Ibura, nas quais cada grupo pôde perceber uma realidade diferente, mas ao mesmo tempo com falhas similares, ao se tratar das relações étnico-raciais, nos impulsionando a criar projetos de intervenção, a partir das coletas de dados que obtivemos.

Diante de todas essas provocações e vivências, percebemos a necessidade de avançarmos enquanto sociedade, percebendo essa realidade, pois, como Silvério (2021) aponta, somente através da tomada de consciência desse fato será possível elaborar táticas de enfrentamento para que seja possível, não só a descoberta das contribuições da população negra que foram intencionalmente encobertas, como também garantir ao povo negro o espaço que sempre lhe foi negado.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Faz teu caminho de bem e se lembra
Que o mundo mais lindo só tem em pedra pequenina
(Tempo Velho – Douglas Germano)*

Qual o nosso caminho agora? O quanto mudei? O que poderemos fazer? Teremos fissuras que nos possibilite efetivar práticas antirracistas em nosso fazer docente? São muitas as (in)conclusões que nos atravessaram e perdurarão em nossas vidas e em nosso exercício docente. Mas saímos do afoxé com a certeza de que não podemos ser só mais um na multidão, incapaz de provocar mudanças.

Logo, notamos, a partir das leituras e, acima de tudo, das vivências no afoxé, a extrema relevância que o espaço escolar tem nessa garantia, tendo em vista que, enquanto instância transformadora, esperamos que os que compõem sua organização sejam capazes de combater as estruturas de uma sociedade que reproduz discursos e



atitudes excludentes e racistas. Quando isso não ocorre, há uma extrema contribuição para a perpetuação de uma opressão que fere a integralidade de tantos.

Quanto ao nosso caminho de bem... essa música me comoveu num lugar tão profundo, enquanto um professor gay que resiste em busca desse mundo mais saudável para toda e qualquer minoria marginalizada. No entanto, os ecos de uma sala, em um terreiro, com mais de 30 pessoas cantando, dançando, tocando e exalando a leveza desse **ljexá**, me enche com uma dose de esperança de que muitos caminhos bons serão traçados daqui em diante.

Assim, cabe a nós, enquanto professores e futuros mestres em Educação em Ciências e Matemática, independente de nossa cor ou etnia, usufruir de nossa posição para subverter paradigmas impostos na sociedade, seja através de estudos, de pesquisas ou práticas de enfrentamentos.

É nítido ter consciência da realidade e da urgência dessa problemática para evidenciar o racismo estrutural e reconstruir uma sociedade que viabilize o estabelecimento de negros, enquanto potências, seja nas Ciências ou em qualquer outra área que estes desejem ocupar.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº. 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. [s.l.]São Paulo: Planeta, 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**, p. 127-167, 2007.

TRAXLER, John. Descolonizando a Tecnologia Educacional. **Revista Currículo e Docência**, 2022.



WALSH, Catherine. Pedagogias Decoloniais. In: ALARCON, Tatiana et al. **Convergencias y divergencias**: hacia educaciones y desarrollos "otros". Bogotá, Colombia: Corporación Universitaria Minuto de Dios, 2017. p. 55-78. ISBN 978-958-763-251-4. Disponível em: <https://repository.uniminuto.edu/handle/10656/5825>. Acesso em: 17 abr. 2023.